

**Graffitis Novohispanos de Tepeapulco, Siglo XVI.** TINOCO-QUESNEL, Pascual & RODRÍGUEZ-VÁZQUEZ, Elias. INAH, México, 2006, 190 pp.

*Resenha por Pedro Paulo A. Funari  
(Professor Titular do Departamento de  
História e Coordenador do Núcleo de  
Estudos Estratégicos/Unicamp)*

Os grafites são testemunhos arqueológicos nem sempre registrados e analisados, mas que nos podem fornecer informações únicas sobre as representações e valores sociais. Os arqueólogos mexicanos Tinoco e Rodríguez, interessados na Arqueologia Simbólica, levaram a cabo uma pesquisa original, com novos dados de fontes primárias, com um corpus e catálogos de grafites de época colonial, presentes na Igreja de Tepeapulco, Hidalgo. Utilizaram-se de uma metodologia interdisciplinar, com informações arqueológicas e fontes históricas primárias dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Estes documentos tratam de festas, rituais, práticas econômicas e religiosas, com destaque para o sincretismo.

O volume começa por buscar definir o grafite como o nome dado pelos arqueólogos a inscrições ou desenhos feitos em muros antigos. Voltam até Pompéia, para lembrarem dos grafites eróticos e amorosos, mas concentram-se nos testemunhos de época moderna. O capítulo segundo está dedicado à festa, expressão popular de caráter ritualizado, por meio da qual a população indígena obtinha benefícios que lhes eram negados por outras vias. As principais festividades giravam em torno dos santos católicos, como o quatro de outubro (São Francisco) e a quinta-feira de

Corpus Christi. Grafites retratam tais comemorações, como os desenhos dos tradicionais *palo volador con danzantes y españoles con armadura, mojigangas, subidas por escaleras, cuerdas, cabezudos, diablo cojuelo*, entre outros temas.

O terceiro capítulo elucida o leitor a respeito da geografia histórica de Tepeapulco, cidade na parte sudeste do estado de Hidalgo, a 110 km a noroeste da cidade do México, a uma altitude de 2523 metros, com clima frio. Por isso, as nevascas não são raras. O nome asteca da cidade significa “outeiro grande”. Foi local de uma batalha sangrenta entre os nativos e Hernán Cortés. No período colonial, Tepeapulco foi uma cidade importante, no caminho real entre a cidade do México e Veracruz. O quarto capítulo dedica-se ao contexto arquitetônico dos grafites. Segundo os autores, as cosmovisões do século XVI da Nova Espanha correspondem com a Idade Média Tardia (séculos XIV-XVI), com a onipresença da arquitetura conventual. Nos grafites, aparecem igrejas, claustros, deambulatórios, arcos, escadarias, colunas e guaritas. As construções cristãs foram erguidas por sobre os antigos lugares de culto dos nativos. Notam que os grafites insistem em apresentar imagens do imaginário medieval europeu, como cavaleiros, em lutas do homem com o diabo, batalhas, com santos e o demônio, assim como símbolos heráldicos.

Os missionários católicos levavam cânones, conceitos e convenções da velha Espanha. Por isso, afirmam os autores, a Idade Média foi transplantada, de modo que consideram a empreitada colonial como claramente de cunho medieval. Era uma continuação da reconquista, guerra santa e divina, cruzada contra o infiel. Os espanhóis traziam seus foros e instituições, idéias e costumes. Nesta linha, dedicam um capítulo à tauromaquia, a luta de touros ibérica, transporta ao Novo Mun-

do e representada nas paredes. São representados também São Jorge em sua peleja com o Dragão, assim como Santiago Matamoros, mas as corridas de touros são mesmo as mais abundantes representações. O sexto capítulo apresenta outras figuras, símbolos dessa religiosidade, como sereias, Tláloc e peixes e o sétimo trata dos diabos. Estes são representados, com freqüência, associados ao sexo e à sexualidade. Relacionam essas imagens de demônios e diabinhos à imagética medieval bem anterior, datada do século XI, assim como a outras narrativas medievais, como o *Alphabetum Narrationum*, do século XIV.

Em seguida, voltam-se para as bruxas, parte também do imaginário secular ibérico. Os grafites representam bruxas em vassouras voadoras, mas também sendo executadas pela Santa Inquisição. Aparecem, ainda, imagens de índios carregadores (*tamemes*), assim como pirotécnicas. Grande destaque era o pau voador, dança

ritual popular, provavelmente na origem ligada a cultos à fertilidade. Para escaparem à perseguição da Igreja, em fenômeno sincrético, essas festas foram dedicadas a São Miguel Arcanjo, anunciador da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. O volume completa-se com um catálogo de grafites.

Esta obra constitui uma contribuição para a valorização de uma evidência material comum no Novo Mundo, mas ainda pouco explorada: os grafites. Os autores, atentos à simbologia desses desenhos e imagens, recorrem às tradições ibéricas e indígenas, para procurar interpretar os rabiscos. Utilizam-se de modelos interpretativos que procuram explicar tanto as continuidades com a Península Ibérica, como os aspectos transculturais do Novo Mundo, com o conceito de simbiose. O livro constitui um estímulo ao estudo arqueológico dos grafites do continente americano e só por isso já merece atenção.

